

Alf. Meira

A VOZ DA REVOLUÇÃO

25 de Setembro ORGANIZAÇÃO OFICIAL DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO) - 1971

25 DE SETEMBRO DE 1971

Mensagem do Presidente da FRELIMO aos Combatentes das F.P.L.M. ao Povo Moçambicano

a simba
a camarada
D S R
R



CAMARADAS.

Celebramos hoje a festa maior da nossa Revolução, celebramos o dia em que começou a nossa luta armada de libertação nacional, celebramos o dia que nos permitiu sermos o que somos: um povo consciente e unido, um povo que possui uma Pátria, um povo que pela sua luta e sacrifício cria uma sociedade nova.

As companhias que desapareceram, a machila que começa a ser esquecida, a administração, a palmatória, os impostos colonialistas, o trabalho forçado, tudo isso começou a morrer em 25 de Setembro.

As escolas e os hospitais, as cooperativas, tudo o que foi criado e cresce na nossa Pátria, nasceu do 25 de Setembro.

É certo que a maior parte da nossa Pátria, ainda não é livre, é propriedade das companhias. É verdade que a maioria do nosso povo, ainda não é povo livre, é povo escravo, vendido para as minas da África do Sul, povo prisioneiro encerrado nos campos de concentração, povo humilhado recebendo ordens do estrangeiro.

Tonke ...

Tudo isto é certo, o que fizemos e o que resta a fazer.

Nós sabemos já, podemos já medir, as vantagens concretas e reais que a luta trouxe para o nosso Povo e isso permite-nos compreender em que direcção avançamos.

O sétimo ano de guerra termina, o oitavo começa. Um ano em que a nossa luta se consolidou e se estendeu termina.

Com o sétimo ano cresceu a certeza da nossa vitória, a confiança na nossa linha. Com o oitavo ano, a nossa liberdade tornar-se-á ainda mais real, como mais real será a derrota vergonhosa do colonialismo português.

Em 1970 o inimigo procurou uma vitória rápida e encontrou uma derrota. Este ano de 1971, ele procurou ser mais flexível, menos aventureiro, por isso esforçou-se de combinar os crimes contra o povo, com manobras políticas destinadas a criar a confusão. Também fracassou.

Desde o fim da estação seca os nossos combatentes a sul do Zambeze, criaram as condições para desencadear a luta armada. No fim do ano já, o fogo da nossa guerra tinha sido aceso na margem sul do Zambeze. Os aviões que cruzavam sobre o rio, as patrulhas constantes nas margens, a expulsão das populações, a destruição das embarcações, o assassinato de camponeses e pescadores que atravessavam o rio para as suas tarefas quotidianas, nada conseguiu impedir a extensão da guerra.

A sul do eixo Montepuez - Porto Amélia, a sul de Mecanhelas nos confins da zona oriental do Niassa, a sul e a oriente do Zambeze, cresce a fogueira que devora o colonialismo, que cada vez mais atinge as zonas sensíveis do inimigo. Face à extensão da luta, o inimigo tenta reorganizar a disposição das suas forças, evacuando certas posições, reforçando outras, intensificando os bombardeamentos com mais de duas dezenas de aviões, multiplicando as incursões de helicópteros contra as nossas zonas.

Como resultado dos ataques constantes aos seus postos, como resultado das baixas cada vez maiores que sofre, o inimigo actualmente retira-se de certas posições estratégicas. Mas esta situação não nos deve criar um espírito de vitória, que nos

do, combinar cor-
tica, o estudo, c-
dos de superioridade, relachamento de vigilância
os combatentes e populações. Lembremo-nos
Democratizar o inimigo ao retirar-se de certas posições estraté-
gicas não se está a retirar de Moçambique. O inimigo retira-se
porque o nosso combate se desenvolve, ao retirar-se ele aumen-
ta o nosso terreno, mas ao retirar-se, ele quer que acreditemos
que ele se tornou fraco, para fomentar divisão e corrupção,
permitir que uns pensem que são já independentes porque o
inimigo abandonou a sua região, como se um braço pudesse
viver fora do corpo.

Esta situação em que o inimigo acentua as manobras políticas,
combinando com evacuação de certas regiões, exige que os
quadros estudem seriamente a situação.

Este ano, porque as forças armadas inimigas sofreram grandes
revezes, porque se estendeu a zona de combate, porque as
nossas forças mantiveram uma ofensiva constante, o inimigo,
apesar das suas intenções e ameaças, foi incapaz de lançar qual-
quer ofensiva terrestre de envergadura. Daí resultou a inten-
sificação de acções criminosas e bárbaras contra o Povo: mass-
acres de populações, bombardeamentos e incursões contra
celeiros e machambas, incendio e pilhagem de povoações. A
acção terrorista portuguesa é combinada, cínicamente, com
uma acção psicologica de sedução, promessas políticas, tão
demagógicas quanto vazias de conteúdo, como por exemplo a
de autonomia.

Esta situação, esta nova táctica de duplicidade do inimigo,
leva-nos a analisar a situação presente.

A guerra de libertação começou a atingir as zonas sensíveis
do inimigo. O nível de baixas portuguesas, em homens e ma-
terial, aumenta rapidamente. As zonas de confrontação es-
tendem-se em todas as direcções.

Os colonialistas encontram-se na situação de um homem ro-
deado de vários incendios, que corre apagar o fogo na direita
para sentir logo intensificada a chama que se encontra à es-
querda. Os colonialistas estão desnorteados: com a operação
«Nó gordio» em 1970, pensavam apagar o fogo em Cabo
Delgado, o fogo não se apagou em Cabo Delgado e o incendio
até se estendeu a sul do Zambeze e do eixo Montepuez - Porto
Amélia. Depois quiseram-se concentrar em Cahora Bassa para
se aperceberem que os nossos combatentes tinham transfor-
mado Cahora Bassa numa ilha, isolada do resto do país. Hoje,
o inimigo português compreendeu a imensidade do seu fraca-
sso, mas não pode aceitar a sua derrota.



Guerrilheiros juntos com o povo, estão a entrar no posto de
Muidumbe, depois de expulsarem a tropa portuguesa

O inimigo procura actualmente atingir três objectivos, a fim
de salvar os seus interesses:

- 1 - Modificar a natureza da nossa guerra
- 2 - Internacionalizar mais ainda a guerra
- 3 - Criar confusão no nosso seio

A nossa guerra é uma guerra de libertação nacional, contra o
colonialismo português, contra o imperialismo, contra a explo-
ração do homem pelo homem. Os colonialistas querem que a
nossa guerra cesse de ser uma luta contra o explorador para se
transformar numa guerra contra o povo português, que a luta
deixe de ser contra o imperialismo, para ser uma guerra entre
o povo negro de Moçambique e a população branca de Mo-
çambique, uma guerra inter - racial.

Para atingir este objectivo, sistematicamente, Portugal expulsa
populações Africanas das suas terras férteis, para aí introduzir
populações europeias.

Se o governo português expulsa os moçambicanos das suas
terras, para aí introduzir colonos, o seu objectivo é sobretudo
de forçar o aparecimento de contradições entre o povo de Mo-
çambique e o povo de Portugal. Ao fazer isso, o colonialismo
dirá aos camponeses brancos que será preciso defender as suas
terras contra os africanos, ao mesmo tempo, criará um ódio
nas populações africanas contra os que ocupam as suas terras.
Transformar a natureza da nossa guerra é levar-nos a criar
confusão na definição do inimigo, é criar confusão no alvo para
as nossas armas.

Uma grande responsabilidade pesa sobre a FRELIMO e o Po-
vo moçambicano: evitar a deturpação do conteúdo do nosso
combate, fazendo as massas assumir cada vez mais profunda-
mente a definição do inimigo, fazer compreender aos portu-
gueses e moçambicanos brancos, que a nossa luta não é contra
eles, que eles só tem a ganhar da derrota do colonialismo e do
fascismo português.

Os colonialistas procuram também internacionalizar ainda
mais a guerra contra o nosso povo. Apesar do efectivo inimigo
atingir já mais de 70 mil homens vindos de Portugal, este efecti-
vo não se encontra em condições de deter a progressão das nos-
sas forças. As tentativas portuguesas de impedir o nosso
avanço, fracassam e resultam em baixas crescentes entre as
forças portuguesas.

Por outro lado, o desenvolvimento da luta em Angola e na
Guiné, o aparecimento de uma acção armada anti - colonialista
em Portugal, o grande número de deserções no seio das forças
portuguesas, impedem o Alto Comando inimigo de aumentar,
duma maneira significativa, os seus efectivos em Moçambique.

Por isso, Portugal que diz proteger Moçambique duma invasão
estrangeira, está a trazer tropas estrangeiras para Moçambique.
Portugal que afirma não ser racista, instala em Moçambique
as tropas racistas da Africa do Sul racista e da Rodésia racista.
Portugal que grita ser a nossa luta financiada e alimentada pe-
lo exterior, não só traz mercenários para Moçambique, como
anda mendigando dinheiro e ajudas, junto dos seus patrões
imperialistas.

Dois países já, enviaram as suas tropas para Moçambique: a
África do Sul e Rodésia. Ainda em Abril deste ano, o próprio
governo da Rodésia anunciou a morte de seus soldados e a
destruição das suas viaturas, quando se encontravam em ope-
rações em Moçambique. Os aviões e helicópteros destes dois
países participam em inúmeras operações contra as nossas
forças. Mercenários estrangeiros são utilizados na nossa pátria.
Disfarçados em técnicos civis, chegam a Moçambique conse-
lheiros militares estrangeiros.

A OTAN, desprezando continuamente o interesse dos povos de Moçambique, Angola e Guiné, desprezando a oposição do Povo Português, desprezando a opinião africana e internacional, aumenta a sua ajuda criminosa a Portugal. Os chefes do imperialismo mundial, os Estados Unidos, a Alemanha Federal, a Inglaterra e a França, já não procuram pretextos hipócritas: abertamente fornecem dinheiro e armas a Portugal. Publicamente treinam novos criminosos de guerra, enviando ainda conselheiros militares, como fizeram no mês de Junho.

À volta de Moçambique, os Estados Unidos, a França, a Inglaterra e a África do Sul, instalam diversas bases navais e aéreas, com o pretexto de defenderem a rota do Cabo, que ninguém mais ameaça senão o imperialismo.

Esta internacionalização crescente da guerra de agressão contra o nosso Povo, tem por objectivo prolongar a guerra contra Moçambique, levar o nosso Povo a capitular diante das exigências e manobras do imperialismo.

Nós estamos mobilizados para lutar e vencer uma guerra popular prolongada, encontramos-nos em condições de cada vez mais transformarmos a nossa consciência política crescente, em força material que esmagara o inimigo, por poderoso que este seja. A unidade realizada no nosso seio, a demarcação que se estabeleceu com os elementos reaccionários, a clarificação da nossa linha política e a purificação que se operou nas nossas fileiras, revigorou a nossa Organização, reforçou a confiança das massas na FRELIMO e na direcção, fez o povo conhecer e compreender profundamente os objectivos da luta.

Tudo isto criou as condições para que as massas assumissem a nossa ideologia revolucionária, isto é, transformassem as ideias correctas em força material, força material que criou a vigilância que desmascarou os agentes subversivos infiltrados, força material que derrotou as ofensivas criminosas do inimigo, força material que nos levou aos sucessos actuais.

O inimigo deseja actualmente fomentar a subversão, criar a confusão para nos dividir, enfraquecer e finalmente nos aniquilar, e este é certamente o seu objectivo principal.

A campanha terrorista de bombardeamentos e massacres contra o Povo, a destruição de machambas e celeiros, escolas e hospitais, a infiltração de agentes, tem o objectivo de intimidar o Povo, retirar a iniciativa do Povo e torná-lo passivo, forçá-lo a capitular, obrigar o Povo a exilar-se no exterior ou aceitar ser internado nos campos de concentração.

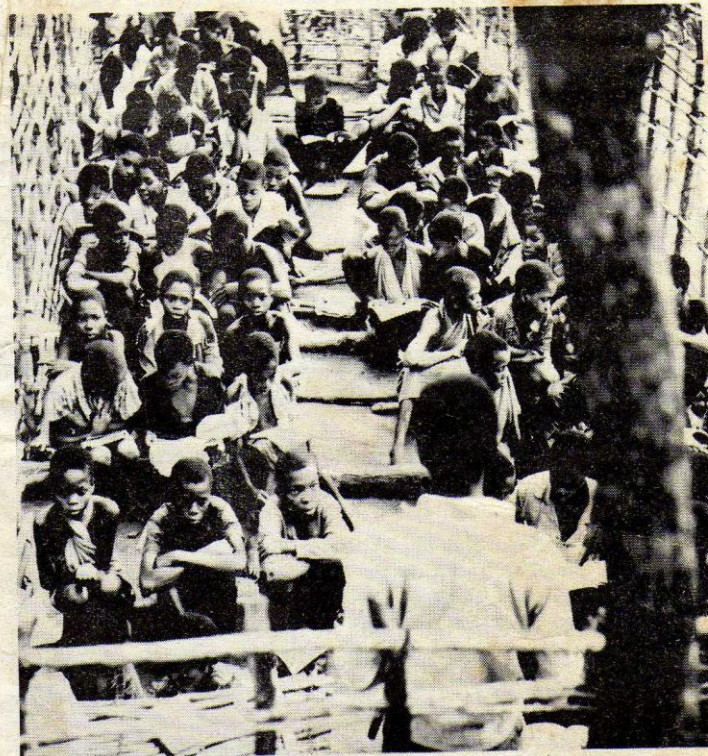
Os aviões com alto falantes, os milhões de panfletos lançados, os programas constantes de rádio, só tem como objectivo enfraquecer o moral dos combatentes, criar confusão no seio dos quadros.

Esta situação, as preocupações e acções do inimigo, provam claramente duas coisas: que estamos trabalhar correctamente, que a nossa luta se desenvolve progressivamente.

Mas este facto positivo não nos deve contentar, não nos deve encher de espírito de vitória. Devemos estar satisfeitos com o trabalho feito, mas devemos estar insatisfeitos e preocupados pelo trabalho que resta a fazer.

Três províncias estão em guerra, mas seis outras não estão. Mais de um milhão de moçambicanos vive livre, mas sete milhões ainda estão escravizados, cerca de um quarto do nosso território foi libertado, mas três quartos restam ainda por libertar.

Nas zonas libertadas muitos problemas ainda não estão resolvidos. A assistência sanitária é insuficiente, o número de escolas



Escola da FRELIMO em Moçambique livre

está muito longe de corresponder às necessidades, a produção ainda não cobre todas as exigências fundamentais das populações e da guerra. Sentimos ainda insuficiências no trabalho político no seio das massas, existem limitações na consciência de quadros e combatentes, falhas nos nossos conhecimentos técnicos.

Enumerarmos os nossos pontos fracos é apontar as feridas para serem tratadas. É evidente que se virmos os nossos pontos fracos olhando para o passado, certamente que diremos que eles foram em grande parte eliminados, todavia se olharmos para o futuro, vemos que muito resta a fazer.

Entramos no nosso oitavo ano.

Durante este ano três tarefas principais deverão ser levadas a cabo por nós: desenvolver o trabalho no seio dos quadros, aumentar as nossas zonas, reforçar as nossas zonas.

Os quadros são um factor decisivo na aplicação da nossa linha política, na nossa ideologia.

Os quadros que já fizeram um combate interno contra os vícios e defeitos herdados do passado, os quadros que já assumiram a nossa mentalidade nova, a nossa ideologia, aqueles que trazem o Povo e a Revolução no coração, que criam pelo seu trabalho novas ideias e iniciativas, são quem no seio das massas e combatentes, representa numa maneira viva a FRELIMO, os seus objectivos, os seus métodos.

Intensificar o trabalho no seio dos quadros, significa em definitivo, criar as condições para desenvolver o trabalho ideológico no seio das massas, para unir mais as massas, para fazer avançar mais ainda a guerra.

Temos a tarefa de elevar o nível da consciência política e dos conhecimentos dos quadros, uni-los mais ainda às massas e aos combatentes. Este desenvolvimento só se pode realizar através do método de combinar continuamente a prática do combate e da produção, com o estudo, sistematizar a discussão, a crítica e auto-crítica, sem as deixar cair na rotina, sistematizar o estu-

do, combinar continuamente a discussão, a crítica e auto-crítica, o estudo, com a prática.

Democratizar continuamente os métodos de direcção, de maneira a elaborar as decisões colectivamente e evitar sempre a solução de problemas políticos por métodos administrativos.

Fazendo este trabalho criamos as condições propicias para estender as zonas de combate. Quanto mais avançamos para as zonas sensíveis do inimigo, mais difícil é o combate, maior é a capacidade que se exige dos quadros e combatentes, mais alto tem que ser o nível de mobilização e organização das massas.

Estendendo a luta, consolidamos as nossas zonas, forçamos o inimigo a dispersar mais as suas forças, a tornar-se mais fraco.

Estender a luta para dar liberdade a novas gentes é a nossa preocupação constante.

Durante o duro ano de combates vitoriosos que tivemos, os nossos sucessos foram muito importantes: Durante o período entre Julho de 1970 a Julho de 1971, os combatentes da FRELIMO liquidaram 1.603 soldados inimigos, destruíram 277 veículos, abateram 1 avião e 1 helicóptero, atacaram 64 postos portugueses, destruíram 17 pontes e 4 combóios.

A razão de ser destes sucessos, o que os explica, o que os tornou possíveis, foi o nosso combate para fazer os quadros, os combatentes e massas, viverem e aplicarem duma maneira viva a nossa ideologia revolucionária.

O sétimo ano iniciou-se com a transformação da nossa luta armada em Revolução, iniciou-se com a intensa batalha pela criação da mentalidade nova, o sétimo ano foi o ponto de partida da evolução consciente da natureza da nossa organização, a sua evolução para um partido de vanguarda das massas laboriosas do nosso país, um partido de vanguarda com uma ideologia de vanguarda.

Durante o oitavo ano da nossa luta, durante o décimo ano da criação da FRELIMO, é necessário intensificar este combate, aprofundar o nosso trabalho.

Isto significa concretamente um desenvolvimento grande do trabalho de formação política, em especial dos combatentes, muito particularmente dos quadros. Fazer dos combatentes e sobretudo dos quadros, exemplos vivos da mentalidade nova, transformadores activos da sociedade, criadores e fomentadores da nossa ideologia avançada, científica, revolucionária.

Isto exige um reforço da acção de vigilância no seio das massas e quadros, uma purificação continua das nossas fileiras, eliminando os elementos perniciosos, ganhando os elementos exultantes, reforçando os elementos autenticamente revolucionários.

Esta acção não pode-se fazer simplesmente ao nível das ideias: as ideias para viverem, para se desenvolverem precisam da prática, como a planta precisa da água.

Concretamente temos que materializar cada vez mais, temos que viver ao nível das estruturas e do trabalho quotidiano, a nossa ideologia.

Isto significa desenvolver os métodos colectivos na direcção, na produção, no comércio. Significa intensificar e desenvolver os comités populares. Significa reforçar o trabalho de estudo combinado com a prática.

Tudo isto vínhamos fazendo, não basta é preciso fazer mais.

Entramos no oitavo ano dispendo de excelentes condições internas e internacionais.

Fizemos o balanço da situação interna, importa também considerarmos a situação na frente internacional.

Durante o sétimo ano o prestígio e solidariedade internacional para com FRELIMO cresceram, a ajuda ao nosso povo cresceu.

Portugal este ano, ficou ainda mais isolado internacionalmente, Portugal viu-se obrigado a sair de organizações internacionais como a UNESCO, com medo da vergonha de ser expulso.

Nos países imperialistas aliados de Portugal, cresce a oposição popular contra Portugal. No seio mesmo da Igreja, até há pouco aliada incondicional de Portugal, crescem vozes, como as dos Padres Brancos, que condenam o colonialismo português e apoiam o nosso Povo.

Em Portugal os verdadeiros patriotas fazem manifestações contra a guerra, organizam sabotagens audaciosas da maquina de guerra colonialista.

Nos países Socialistas, nos países Africanos, em países vizinhos de Moçambique, o respeito, a solidariedade para com a nossa luta e para com o nosso Povo, aumentaram consideravelmente.

Todas estas vitórias são um resultado directo e importante do crescimento da nossa luta.

A nossa luta cresceu, cresceu em extensão cresceu em força, a nossa luta cresceu porque nós crescemos.

Os resultados que obtemos são criados pela nossa unidade, unidade do Povo, unidade dos combatentes e dirigentes.

Entramos agora no oitavo ano de guerra. Esta ano será bom ou mau, de acordo com o nosso trabalho. Quando semeamos mandioca nasce mandioca, quando nada semeamos, nasce capim. O oitavo ano, porque nos preparamos para isso, vai ser um ano de grandes vitórias mas também será um ano em que os sacrifícios serão maiores, em que os crimes do inimigo serão maiores. Durante o oitavo ano haverá mais tropas estrangeiras em Moçambique, haverá mais e maiores bombardeamentos.

Mas também estamos seguros, que assim como o sétimo ano marcou a progressão da luta a sul do Zambeze, o oitavo ano vai marcar um progresso ainda maior: o oitavo ano vai-nos ver criar sólidas bases de apoio, o oitavo ano vai-nos ver desenvolver o avanço.

Tudo o que fizemos é o resultado do sacrifício, o nosso pensamento, a nossa determinação devem sentir-se estimulados e forjados pelo exemplo dos camaradas que assumindo plenamente a nossa ideologia, que transportando os interesses do Povo no seu coração, ofereceram a sua vida pela vitória da Revolução.

Respeitemos o sacrifício dos camaradas que caíram, intensificando o combate, fazendo isso, cumprimos o nosso dever nacional e o nosso dever de solidariedade para com todos os Povos, o nosso dever internacionalista.

VIVA O DIA DA REVOLUÇÃO!
VIVA O SÉTIMO ANIVERSÁRIO DA NOSSA GUERRA POPULAR!
VIVA A FRELIMO!
VIVA O POVO MOÇAMBICANO UNIDO DO ROVUMA AO MAPUTO!